

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT03.021

# HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, HISTÓRIA PÚBLICA E TRAJETÓRIAS DOCENTES

Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto<sup>1</sup>

Maria Eduarda Oliveira Moreira<sup>2</sup>

Jucinara de Melo Silva<sup>3</sup>

## RESUMO

Narrar sobre a vida e a carreira, eis o desafio que apresentamos aos professores que aceitam compartilhar suas vidas conosco. Afinal, como é possível compreender o cotidiano da educação brasileira, a cultura escolar própria de nossas instituições no tempo presente, sem que ouçamos aqueles que a conduzem diuturnamente? Mobilizadas por esta inquietação, conduzimos nossas pesquisas buscando ampliar o acervo Trajetórias Docentes (LABHOI/UFF) e a partir dele, ter elementos para pensar a história da educação brasileira. Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar o acervo Trajetórias Docentes e demonstrar sua relevância para refletir sobre a história da educação no tempo presente. Para tanto, fazemos o detalhamento do material que constitui o acervo e apresentamos exemplos de entrevistas que contribuem para pensarmos os anos 1990 e os anos 2000, destacando a precarização do trabalho docente neste período. Trabalhamos com o cruzamento de fontes (Thompson, 2002) e a com a perspectiva da autoridade compartilhada (Frisch, 2016). Além disso, metodologicamente, utilizamos a história oral, estando esta diretamente implicada no movimento de história pública (Santhiago, 2016). Para esta pesquisa, fizemos uso de narrativas construídas de forma colaborativa, feitas *com* e *para* o público, sejam elas resultantes de entrevistas individuais ou públicas, conforme discorreremos ao longo desta produção.

**Palavras-chave:** Trajetórias docentes, Narrativas, História Pública, História Oral, História da Educação.

1 Doutora em Educação, professora da UFRN, [alinydayany@gmail.com](mailto:alinydayany@gmail.com);

2 Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [maria.eduarda.oliveira.085@ufrn.edu.br](mailto:maria.eduarda.oliveira.085@ufrn.edu.br);

3 Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [jucinaramelo@outlook.com](mailto:jucinaramelo@outlook.com)

## INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX a História Oral enquanto metodologia de pesquisa busca ouvir as memórias pertencentes a diferentes grupos sociais acerca de experiências que estes vivenciaram em distintos espaços e temporalidades. De lá para cá muitos avanços foram obtidos a partir das discussões que fortaleceram e contribuíram com o amadurecimento do campo da História Oral, nos trazendo a possibilidade de hoje ouvir tais indivíduos a partir de perspectivas cada vez mais compartilhadas e dialógicas.

Assim, neste trabalho fazemos uso da História Oral enquanto método de produção e análise de fontes, para ouvir as narrativas docentes que compõem o acervo Trajetórias Docentes do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI). Vale destacar ainda que também aliamos esta prática ao movimento da História Pública propondo uma construção colaborativa das fontes e análises tendo em vista que

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise (Almeida & Rovai, 2011, p.7).

A partir disso, temos como objetivo inicial apresentar o acervo Trajetórias Docentes e demonstrar sua relevância para refletir sobre a história da educação no tempo presente. Para tal, fazemos o detalhamento do material que constitui o acervo e apresentamos exemplos de entrevistas que contribuíram para pensarmos os anos 1990 e os anos 2000, destacando a precarização do trabalho docente neste período.

No que diz respeito à Rede Trajetórias Docentes, trata-se de uma iniciativa de pesquisadores nacionais que buscam reunir, catalogar, digitalizar e disponibilizar publicamente as narrativas de professores de diferentes níveis e áreas, com atuação em distintas temporalidades e locais. A Rede agrega atualmente projetos de algumas universidades brasileiras, como: UFF, UFRN, UFPB, UDESC e IFESP. Seu acervo foi acolhido pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) que abriga tais trabalhos em seu *storage* e hoje conta com 80 entrevistas no YouTube através do Canal Trajetórias Docentes, que abordam desde

trajetórias de vida à entrevistas temáticas, construídas a partir de iniciativas e parcerias entre projetos, instituições e profissionais.

Assim, o canal conta com entrevistas realizadas em colaboração com alunos do ProfHistória<sup>4</sup> da Universidade Federal Fluminense - UFF, que também exercem a função de supervisão dos programas de iniciação à docência PIBID e Residência Pedagógica. Além disso, também conta com as narrativas do projeto intitulado “Caminhos do ensino de História: o saber e o fazer docente na educação básica” que entrevista professores de História que atuaram no estado do Rio Grande do Norte a partir do recorte temporal das décadas de 1970 a 2000, bem como, também integra entrevistas do projeto “Narrativas da profissão na formação (inicial, continuada) de professores” que contempla entrevistas com profissionais de diversas áreas de formação da Universidade Federal Fluminense - UFF.

Por fim, também é possível encontrar no canal da rede, as entrevistas da iniciativa “Acervo de entrevistas sobre a trajetória de professores do Rio Grande do Norte como repertório para formação docente inicial continuada” realizadas pelos docentes e discentes da disciplina obrigatória de estágio supervisionado, do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Além das entrevistas, o acervo também está aberto a receber e disponibilizar narrativas autobiográficas escritas, com o objetivo de construir e ampliar memoriais, contribuindo para a construção de textos e formação docente. Deste modo, conta com dois memoriais compostos por narrativas produzidas pelos ex-bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID e pelos alunos do Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, ambos da UFF.

Agora que apresentamos brevemente a Rede Trajetórias Docentes e o seu acervo, nos dispomos a refletir sobre algumas questões ao longo desta escrita: afinal, qual a importância do Acervo Trajetórias Docentes? De que nos servem tais narrativas? Como elas podem nos ajudar a pensar a educação? Como a História Pública e a História Oral contribuem com tal construção?

---

4 O ProfHistória é um programa de pós-graduação stricto sensu que tem como objetivo proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica, visando a dar ao egresso qualificação certificada para o exercício da profissão de professor de História. Possui oferta simultânea nacional, liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A razão para o surgimento de tal iniciativa se dá a partir da necessidade de compreender o cotidiano da educação, a cultura escolar, bem como suas demandas e desafios sob a ótica daqueles que fazem parte do núcleo protagonista do processo de ensino-aprendizagem: os professores e professoras. Assim, como observaremos adiante com a análise das entrevistas que trataremos neste trabalho, as narrativas docentes nos fornecem caminhos promissores quando nos propomos a refletir sobre a educação e suas subáreas. Deste modo, para além da precarização do trabalho docente, o qual daremos enfoque durante a análise das entrevistas, também consideramos pertinente salientar de quais outros modos as narrativas orais acerca das trajetórias docentes podem nos ajudar a refletir sobre a educação.

Dentre tais contribuições, destacamos que a construção de tais fontes nos fornece subsídios para debater e refletir acerca do processo de formação docente. Neste âmbito, o ato de narrar permite que durante a entrevista estes narradores possam avaliar suas trajetórias, observando suas práticas e experiências ao longo dos anos. De acordo com Bragança (2008, p.75)

As narrativas não descrevem apenas a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências, teorias e práticas. O saber da experiência assume centralidade, envolvendo as diversas dinâmicas formativas ao longo da vida e também os movimentos em direção ao futuro.

Sendo assim, é possível que através desse processo, tais docentes possam rememorar suas trajetórias percebendo os caminhos que os levaram a chegar na docência, assim como, as dificuldades encontradas durante o exercício de suas profissões e as conquistas e motivações que os estimularam neste processo. Tal retrospectiva permite que o professor se aproprie de sua trajetória de vida, se colocando enquanto protagonista desse processo e entendendo as forças individuais e coletivas que formaram sua identidade docente, refletindo acerca do que afirma Andrade & Almeida (2018, p.130- 131)

[...] os saberes docentes são também sociais, isto é, são provenientes de fontes sociais diversas, produzidos e legitimados por grupos sociais variados, adquiridos pelos professores em circunstâncias particulares e em tempos distintos, reorganizados e ressignificados em função das condições reais de trabalho, legitimados e validados na e pela prática da profissão [...]

Diante deste movimento de autorreflexão e valorização de si enquanto profissional as entrevistas constituem um excelente espaço formativo para quem narra, mas o ato de narrar também pode ser essencial para a formação de quem escuta. De acordo com Pranto et. al (2023, p. 55-56)

Ao realizar, discutir, explorar as entrevistas, podemos nos deparar com diferenças e semelhanças tanto na linguagem quanto no modo de vida das pessoas de períodos passados e podemos ser, assim, estimulados/as a estabelecer reflexões críticas sobre o presente e seu cotidiano. Além disso, nesse processo de escuta podem ser identificados e trabalhados elementos fundamentais para a formação do ser humano como: a afetividade, a empatia, o respeito, a emoção que o contato com a história de vida do/a entrevistado/a.

A partir disso, através deste contato, é possível pensar a educação sob uma perspectiva diferente daquelas a que estamos habituados. Ora, é comum que para pensar sobre os problemas e soluções educacionais nos dediquemos, por exemplo, a observar análises econômicas e administrativas sobre os recursos financeiros e investimentos feitos, ou mesmo observar os currículos e métodos organizacionais de cada instituição, os materiais e recursos didáticos utilizados, e entre outros aspectos que indubitavelmente devemos estar atentos se desejamos uma educação de qualidade.

Entretanto, entendemos que o ato de ouvir e permitir-se ser tocado pelas experiências que imprimem o fazer docente, nos oportuniza enxergar e construir a história da educação sob a luz de uma visão mais humanizada. Com isso, através das narrativas docentes, é possível perceber entre outros aspectos, qual lugar a docência ocupa na vida de cada indivíduo - inclusive, se há separação entre a vida pessoal e profissional - o que nos leva a entender por exemplo, sobre as múltiplas atividades que são relegadas à rotina docente, a forma como cada profissional vivencia esta realidade se adapta a ela, bem como, suas consequências.

Além disso, também é possível compreender como essas trajetórias são atingidas pelos acontecimentos históricos, políticos, sociais e econômicos ao longo dos anos e de que maneira esses profissionais perceberam essas alterações e puderam reagir a elas no contexto de suas profissões. Neste sentido, pensar a educação a partir das narrativas dos professores, é realizar um movimento de reconhecimento e valorização do potencial de cada docente enquanto agente histórico, ao passo que reunir, catalogar, digitalizar, disponibilizar publicamente tais narrativas e pesquisar colaborativamente com esses narradores - como a

Rede e o acervo Trajetórias Docentes têm proposto - é ampliar o poder transformador dessas vozes e seu alcance na sociedade.

Diante da análise realizada identificamos a partir das narrativas dos professores, bem como, das políticas legislativas e da bibliografia pesquisada, que os professores atuantes nos anos 1990 e início dos anos 2000, tiveram as suas trajetórias docentes marcadas por uma progressiva precarização docente, oriunda do consequente avanço da lógica neoliberal e mundialização do capital.

Deste modo, percebemos que apesar de avanços na legislação e política educacional, a precarização da educação resultou em consequências que afetaram as vidas e carreiras dos professores, tendo em vista que foi possível ouvir através das entrevistas, diversas queixas a respeito da falta de recursos materiais para o uso em sala de aula, desvalorização profissional e a constante busca dos professores por melhores condições de trabalho e de valorização docente.

Nesse sentido, a disponibilização dessas entrevistas em acervo contribui para a reflexão sobre aspectos cruciais à educação, como aqui destacamos a precarização docente, a qual ainda se trata de um obstáculo atual que atravessa a vida de quem exerce a profissão docente. Posto isso, a criação, manutenção e valorização desses acervos é um passo importante para a construção de novas políticas educacionais que sejam construídas a partir da escuta daqueles que são parte importante do processo educacional.

## METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, esse trabalho apoia-se metodologicamente na História Oral e na História Pública. Deste modo, compreendemos a História Oral a partir de Portelli (2016) que a define como uma relação dialógica, em que as fontes utilizadas não são encontradas, mas são resultantes de um processo de criação que é realizado em coautoria entre o entrevistador e o entrevistado.

Além disso, também aliamos esta perspectiva ao movimento da História Pública que contribuiu para que a coautoria debatida por Portelli, ganhasse novas potencialidades nesse trabalho, através da prática do conceito de autoridade compartilhada, o qual Frisch (2016, p.62) defende ao provocar que

[...] na natureza da história oral e da história pública nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de

construção de significados é, por definição, compartilhado. Até onde entendo, nós simplesmente não temos autoridade para sair distribuindo por aí.

Sob esta perspectiva, entendemos que a participação dos narradores neste trabalho, não possui apenas a função de legitimação dele, mas também busca atender às demandas deste grupo dentro do processo de construção da pesquisa como um todo. A partir destas concepções, detalharemos brevemente as escolhas realizadas entre pesquisadores e narradores dentro do movimento de construção, gravação, transcrição e análise das entrevistas aqui trabalhadas.

Vale destacar que as entrevistas aqui utilizadas fazem parte do acervo “Caminhos do Ensino de História no Rio Grande do Norte (1970-2000)” construído através de um projeto coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aliny Dayanny de Medeiros Pranto, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. As entrevistas foram gravadas durante o ano de 2021, e em decorrência da pandemia do vírus SARS-COV (Covid-19) foram realizadas através da plataforma de videoconferência *Google Meet*.

Para a concessão das entrevistas, realizamos inicialmente o convite e a explicação do projeto, seus objetivos, metodologias e usos a cada entrevistado que autorizou a gravação e uso das entrevistas através dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No que diz respeito à escolha dos narradores optamos pelo uso do conceito de “redes” definido por Meihy & Holanda (2015, p.50)

A origem da rede é sempre o *ponto zero*, e essa entrevista deve orientar a formação das demais redes. A indicação de continuidade das redes preferencialmente deve ser derivada da entrevista anterior. Assim, em cada entrevista o colaborador deve indicar alguém que comporá a rede. A vantagem dessa estratégia é que por ela monta-se a rede de acordo com o argumento dos entrevistados e não dos diretores do projeto. Com isso, se fortalece a razão do grupo.

Deste modo, através das indicações de cada professor entrevistado, a primeira fase do projeto contou com uma rede de seis docentes aos quais escolhemos para este trabalho, três que tornaram possível o debate acerca da precarização docente a partir do recorte temporal da década de 1990 à 2000.

Para a realização das entrevistas, fizemos uso de gravadores de áudio e câmeras, estabelecemos um roteiro prévio que dentre outros aspectos abordou

as trajetórias pessoais e profissionais de cada docente, visto que “As narrativas de professores entrecruzam as histórias de vida, os saberes e as aprendizagens profissionais.” (Andrade & Almeida, 2018, p.138). Posto isso, os roteiros foram enviados com antecedência aos entrevistados, que por sua vez, puderam opinar estando livres para solicitar alterações e dar as sugestões que desejassem à estrutura da entrevista.

Desse modo, apesar da antecedência com que o roteiro foi planejado e compartilhado com os entrevistados, buscamos segui-lo durante a entrevista sem a necessidade de uma rigidez, priorizando o respeito à cada narrador e ao seu direito de narrar-se, realizando suas próprias escolhas e formas de registrar as suas trajetórias de vida e docência.

Com a conclusão das gravações, enviamos os arquivos aos entrevistados que puderam solicitar alterações ou cortes dentro das entrevistas e assim, pudemos dar início ao processo de edição - para a realização dos cortes - nos vídeos e nas transcrições, respeitando novamente a decisão e as escolhas de cada narrador diante do que foi narrado. Para isto, seguimos os procedimentos de transcrição absoluta, textualização e transcrição recomendados por Meihy & Holanda (2015), em que a transcrição absoluta consiste na escrita da entrevista do jeito bruto, mantendo perguntas, respostas, erros, repetições de palavras e termos, bem como, possíveis barulhos no ambiente; enquanto que na textualização eliminamos as perguntas, sons do ambiente, erros gramaticais e realizamos a reparação de algumas palavras sem a perda do seu uso semântico; por fim, realizamos as transcrições, as quais definimos a partir de Meihy & Holanda (2015, p.160)

O conceito de transcrição traduz uma ação criativa e uma relação viva entre as clássicas dicotomias (sujeito-objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador) superando-as sem fazer-lhes concessões. No processo transcriativo, as dicotomias lógicas, necessárias a qualquer instauração científica, cedem lugar a uma ficcionalidade viva, a um sujeito e a um mundo sem os limites que lhe são normalmente impostos [...]

Ou seja, trata-se de um processo realizado em colaboração entre o pesquisador e o narrador em que é possível perceber que o material que outrora foi escrito de forma “bruta”, agora ganha a fluidez e a criatividade necessária para permitir que o leitor se desloque à atmosfera da entrevista e possa - dentro das limitações da escrita - vivenciar a experiência e sentir-se mais próximo da

entrevista de história oral. Reforçamos que mesmo com as alterações ocorridas dentro do processo de transcrição, não alteramos o sentido semântico e o significado do que foi narrado, mantendo todo o discurso do entrevistado fiel ao que foi dito no momento da entrevista.

Ao cabo das transcrições, realizamos a análise das narrativas a qual nos baseamos à princípio na visão de Portelli (2016, p. 18), ao afirmar que “[...] o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem.” Diante disso, não buscamos dentro das narrativas, uma descrição “verdadeira” e “real” dos fatos, mas sim a forma como cada indivíduo percebeu, sentiu e viveu os momentos históricos, políticos e sociais em que esteve inserido durante seu percurso na docência.

Além disso, buscamos investigar as diferentes narrativas acerca da realidade docente através do cruzamento com fontes documentais nos baseando em Thompson (2002, p. 307)

A respeito de muitos itens, pode-se fazer uma conferência com outras fontes. Claro que isso será um processo cumulativo à medida que o material for coletado: uma série de entrevistas numa mesma localidade proporcionará inúmeras conferências entre elas a respeito de fatos. Do mesmo modo, certos detalhes podem ser comparados com fontes manuscritas e impressas.

Logo, avaliaremos documentos legislativos buscando compará-los aos discursos apresentados durante as entrevistas, buscando realizar a análise sobre como tais leis eram sentidas na prática por quem estava atuando em sala de aula no período aqui analisado.

Deste modo, buscamos através deste trabalho e movimento, estarmos implicados na prática de uma construção histórica colaborativa, impulsionada por demandas e necessidades atuais e com a capacidade de trazer novos significados à memória social e coletiva.

## RESULTADOS/DISSCUSSÕES

O acervo Trajetórias Docentes do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense - UFF é constituído por diversas entrevistas disponibilizadas colaborativamente por pesquisadores de diferentes

regiões do Brasil. O material disponibilizado quanto a sua tipologia se divide entre histórias de vida ou entrevistas temáticas.

Partindo deste acervo, neste trabalho destacamos especificamente a importância destas narrativas docentes e da sua disponibilização em acervos para a discussão de aspectos primordiais da educação, como por exemplo, a precarização docente a qual nos debruçamos dentro da discussão desta pesquisa. Para isto, tomamos como base das nossas reflexões aquilo que foi narrado pelos professores e professoras, em três entrevistas (histórias de vida) que estão disponíveis no acervo.

Antes de adentrarmos às análises, apresentaremos aqui alguns dos que aceitaram compartilhar as suas trajetórias de vida, construindo colaborativamente a pesquisa e pondo em prática as potencialidades e desafios de uma pesquisa alicerçada no conceito de autoridade compartilhada (Frisch, 2016). Nesse sentido discutiremos a precarização a partir do que narram os professores João Valença, Andreia Mendes e Nadson Gutemberg. Assim, apresentaremos brevemente os três professores que compartilharam suas trajetórias de vida. O professor João Maria Valença de Andrade, graduado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atualmente professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuou na educação básica no início dos anos 1990 e logo depois foi para o ensino superior.

A professora Andreia Mendes, licenciada em História também pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, também atuou nos anos 1990 e 2000 na educação pública e rede privada como também até hoje ainda atua como assessora pedagógica de um município da região metropolitana de Natal. O professor Nadson Gutemberg dos Santos, licenciado também em História pela UFRN, durante sua trajetória atuou como professor na rede pública e também privada tanto no ensino básico como também no ensino superior.

Salientamos que as entrevistas escolhidas fazem parte do projeto “Caminhos do ensino de História (1970-2000): o saber e o fazer docente na educação básica”, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Aliny Pranto, docente do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dentro do amplo recorte do projeto que compreende o período de 1970-2000, aqui optamos por trabalhar a partir de um recorte mais específico, dos anos 1990 aos anos 2000.

Tal escolha se dá em função do processo de reflexão obtido no momento de escuta das narrativas, o qual nos permitiu observar que durante a primeira

etapa do projeto, os professores entrevistados, em sua maioria atuaram durante os anos 1990 e 2000. Dessa forma, ao ouvir sobre suas trajetórias pudemos identificar que o contexto social e político no qual estavam inseridos neste período, promoveu uma forte influência dentro de suas trajetórias, corroborando com o que nos apresenta Goodson: “os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo.” (Goodson, 2013, p.75)

Posto isso, torna-se pertinente realizar um breve panorama do cenário dos anos de 1990-2000 a fim de demarcar quais as condições sociais, econômicas e políticas que atravessavam as rotinas destes docentes. Assim, é importante destacar que o ano de 1990 foi marcado pelo processo de redemocratização e seus desdobramentos em todas as áreas da sociedade.

No âmbito educacional, vários fatores promoveram impactos que influenciavam no cotidiano dos professores e nas suas práticas em sala de aula. O ponto de partida para isto pode ser atribuído à Constituição Federal promulgada em 1988, que traz uma série de novas leis, diretrizes e políticas educacionais que impulsionam mudanças educacionais no ano de 1990 e que impactam também os anos 2000.

Podemos destacar dentre essas novas proposições, algumas em específico que marcaram a educação nesse período. No governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) é aprovada a nova Lei nº 9.394/ 96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), além disso, é criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) e entram em vigor os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) (Frigotto e Ciavatta, 2003).

No entanto, apesar dessas novas políticas e diretrizes sinalizarem para possíveis avanços em termos de legislação educacional, esse período é extremamente marcado pela lógica neoliberal que ganhava força não somente no Brasil, mas em escala global.

Em meio a um cenário internacional de profundas mudanças econômicas e sociais, com transformações oriundas da crise dos países comunistas e o fim da União Soviética, passamos a ter um progressivo avanço da mundialização do capital e da globalização. Desse modo, a ótica crescente de se pensar educação se caracterizava pela busca constante da “liberdade de mercado” que seria propulsora de uma possível prosperidade econômica. Assim, as políticas do

Estado de bem-estar social davam lugar a estratégias de manutenção das taxas de exploração. (Frigotto e Ciavatta, 2003).

Nesse sentido, por mais que a constituição apresente a educação como: “Direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL,1989).

É possível observar a partir das narrativas dos professores entrevistados, um movimento completamente contrário à essa ideia, em que a lógica neoliberal impulsionou uma visível precarização do trabalho docente caracterizada por exemplo, pela escassez de material de trabalho, cargas horárias excessivas e atrelado a isso, a necessidade de jornadas duplas ou triplas para a subsistência de professoras e professores.

Vale destacar que entendemos aqui a precarização como esse processo de fragilização dos aspectos essenciais da plena realização do trabalho docente, sendo este caracterizado pelo acesso a materiais adequados para a realização de aulas e outras atividades, carga horária justa e compatível com a remuneração, assim como, salários mais justos e condizentes com as exigências do exercício da profissão. Todavia também entendemos que “problemas ligados à precarização do trabalho escolar não são recentes no país, mas constantes e crescentes, e cercam as condições de formação e de trabalho dos professores” (Sampaio e Marin, 2004, p.1204).

Podemos ilustrar esses aspectos nas narrativas apresentadas pelos professores, através do que cita o professor João Valença, ao mencionar que em sua prática em sala de aula, para que os alunos tivessem acesso a alguns materiais diversificados ele propunha que a turma se organizasse para realização de uma “cota”, ou seja, cada aluno dispunha de uma determinada quantidade de dinheiro para a viabilização dos materiais que neste caso eram as cópias do material que seria necessário para realização das aulas.

Além disso, é possível identificar que os desafios enfrentados pelas consequências da precarização docente também colaboraram para que os professores buscassem em suas trajetórias melhores condições de trabalho e ascensão profissional. O professor João Valença nos traz um pouco desses aspecto quando conta que buscou a transição do ensino básico para o ensino superior:

Nós, aqui no ensino superior, temos essa possibilidade, temos um tempo mais razoável para trabalhar uma avaliação mais qualita-

tiva, mais argumentativa, mais autônoma. Autonomia, inclusive, no sentido do aprendente produzir seus argumentos, ao invés de somente marcar as respostas, ou repetir textos que, às vezes, nem sequer são refletidos (ANDRADE, 2021)

Nas narrativas dos professores também encontramos a presença de um aspecto muito discutido e que também se apresenta como grande desafio para a profissão docente: a necessidade de longas jornadas de trabalho resultantes de cargas horárias excessivas. Assim, para a garantia de sua subsistência e do núcleo familiar, os professores frequentemente relatam a necessidade de trabalhar em mais de uma escola, alguns também conciliando trabalhos nas redes pública e privada de ensino. Através da narrativa da professora Andreia Mendes nós podemos refletir sobre essa problemática:

Em primeiro lugar essa questão de assumir múltiplos vínculos esbarra na questão da remuneração da profissão docente. Porque esbarra? Porque a gente pode dizer, com certeza, que temos um déficit salarial muito grande comparado a outras profissões que exigem tanto quanto a nossa. E aí o que acontece, o professor para ele ter uma qualidade de vida um pouco melhor, ele precisa assumir mais de um vínculo. Então inicialmente, eu sempre tive dois vínculos porque também os salários eram muito baixos, eram poucas aulas (MENDES, 2021).

Um outro aspecto que também aparece na narrativa de um dos professores é a precarização que também atinge a formação inicial de professores. O professor Nadson ao falar sobre a sua formação inicial no curso de História, relata problemas que se apresentam ainda como resquícios do longo regime ditatorial que o Brasil atravessou:

Sobre a formação no curso de História, nós ainda tínhamos até a disciplina de EPB, Estudos dos Problemas Brasileiros, que era uma verdadeira maquiagem daquilo que a gente sabia e vivenciava e era até uma coisa que eu questionava bastante, a informação que a gente recebia e o mundo que a gente vivia porque a informação que a gente recebia na disciplina de EPB era de um Brasil decorado, de um Brasil bem trabalhado. (SANTOS, 2021)

Nesse sentido, através das narrativas dos professores de História podemos destacar que todos eles foram de alguma forma afetados pelas consequências dessa precarização que marca os anos 1990/2000 e que isso atravessou suas vidas e carreiras, além disso, também é possível notar de quais maneiras estes

docentes adaptaram suas práticas diante dos obstáculos e desafios que lhes foram impostos, encontrando saídas individuais e coletivas para tais problemas.

Ademais, também percebemos as influências de diferentes momentos políticos durante a formação destes professores que foram responsáveis por moldar suas visões sobre a educação e o ensino de História, fazendo-se presentes em suas práticas profissionais. Nesse sentido, as falas dos professores se aproximam e nos lançam o desafio de pensarmos sobre esse período, a relevância de tais discussões para uma História da Educação que reflete sobre problemáticas deste período que não ficaram presos a ele, mas que ainda são demandas atuais da profissão docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, destacamos a importância da escuta atenta de professores e dos significados do trabalho com história oral, para a compreensão da educação e da cultura escolar, tendo em vista que ouvir os que estão em sala de aula nos proporciona a ampliação das discussões sobre como se produz uma educação de forma colaborativa, construindo as políticas públicas não somente a partir de dados estatísticos, mas considerando trajetórias de vidas reais, marcadas por experiências e sentidos.

Nesse caminho, também ressaltamos a importância da ampliação do acervo Trajetórias Docentes como um passo fundamental para a construção de uma história que não se restringe ao meio acadêmico, mas que é feita com o *público e para o público*, considerando assim o trabalho com as diversas dimensões da história pública (Santhiago, 2016). Deste modo, essa iniciativa colabora para uma maior divulgação de pesquisas construídas colaborativamente e abre a possibilidade para que outros pesquisadores possam aderir a essa perspectiva que é dialógica, compartilhada e portadora de tantos outros significados essenciais à pesquisa em educação.

Além disso, as narrativas desses professores nos abrem os olhos para diferentes reflexões centradas tanto no âmbito das melhorias educacionais, como também no enriquecimento do campo da História da Educação. Neste trabalho em específico, nos dedicamos a refletir sobre a precarização nos anos 1990 e 2000, que ainda é uma realidade presente na vida daqueles que exercem o ofício de ser professor.

Essa precarização se reflete na desvalorização profissional e na constante luta por melhores condições de trabalho e valorização profissional de professores que buscam viver o pleno desenvolvimento do seu trabalho.

A precarização corrói a educação não é possível ter um ensino de qualidade verdadeiramente sem um olhar cuidadoso e justo sobre as necessidades da profissão docente. É necessário ir além, ampliar discussões e debates, contribuir junto, construir coletivamente e não de cima para baixo.

Diante disso, torna-se urgente a ampliação de vozes e experiências como as de João Valença, Andreia Mendes e Nadson Gutemberg, cujas narrativas nos provocam e nos mostram caminhos possíveis para uma educação mais justa e democrática em seus distintos eixos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Rovai, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores**. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (Org.). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 129-144.

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Available from: doi: 10.7476/9788575114698.

FRISCH, Michael. **A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa**. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-70.

FRIGOTTO, GAUDÊNCIO E CIAVATTA, Maria. **Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado**. *Educação & Sociedade* [online]. 2003, v. 24, n. 82 [Acessado 17

Setembro 2023], pp. 93-130. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000100005>>

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. In: NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. 2ª Portugal: Porto Editora, 2013, p. 63-78.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PEREIRA DE MEDEIROS PRANTO, Aliny Dayany; NASCIMENTO SULAIMAN, Samia; RABÊLO DE ALMEIDA, Juniele. **Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes**. Revista Crítica Histórica, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 45–61, 2023. DOI: 10.28998/rchv14n28.2023.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16286>. Acesso em: 23 out. 2024.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 1203-1225, 2004.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. Letra e Voz, 2016

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado, história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

## ENTREVISTAS

ANDRADE, João M. V. [60 anos]. [março 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 16 março 2021.

MENDES, Andreia R.M. [44 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 12 abril 2021.

SANTOS, Nadson, G.S. [idade]. [setembro 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 22 setembro 2021.